

Sobre JORGE AMADO

Não serão as ideologias por acaso a desgraça do nosso tempo? O pensamento criador submergido, afogado pelas teorias, pelos conceitos dogmáticos, o avanço do homem travado por regras imutáveis? Sonho com uma revolução sem ideologia, onde o destino do ser humano, seu direito a comer, a trabalhar, a amar, a viver a vida plenamente não esteja condicionado ao conceito expresso e imposto por uma ideologia seja ela qual for. Um sonho absurdo? Não possuímos direito maior e mais inalienável do que o direito ao sonho. O único que nenhum ditador pode reduzir ou exterminar.

Jorge AMADO,
O menino grapiúna, 1980

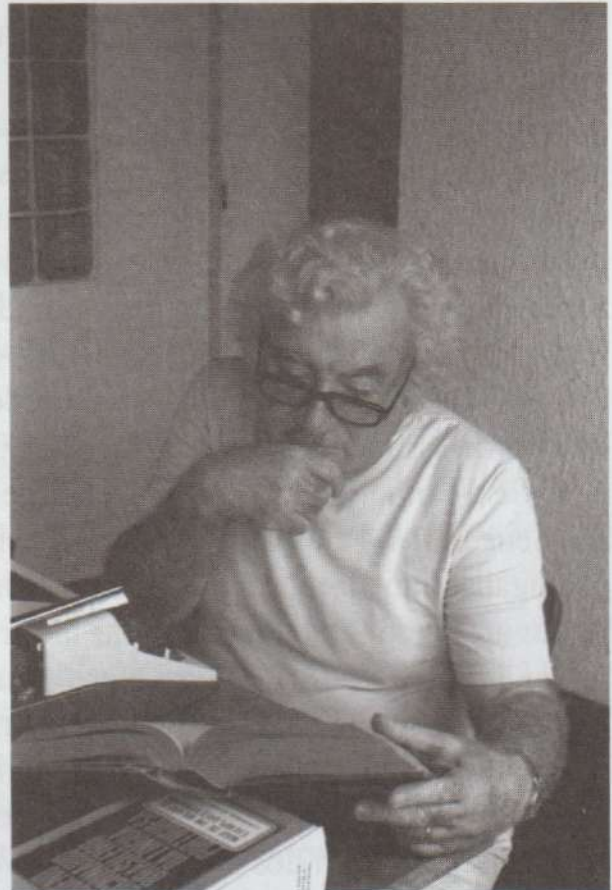


Foto: Acervo Fundação Casa de Jorge Amado

Só Livia, magra, de cabelos finos colados ao rosto pela chuva, ficou diante do cais dos saveiros olhando o mar. Ouvia os gemidos de amor de Maria Clara. Mas seus pensamentos e seus olhos estavam no mar. O vento a sacudia como se ela fosse um caniço, a chuva a chicoteava no rosto, nas pernas e nas mãos. Mas ela continuava imóvel, o corpo atirado para frente, os olhos na escuridão, esperando ver a lanterna vermelha do Valente cruzar a tempestade, iluminando a noite sem estrelas, anunciando a chegada de Guma.

Jorge AMADO, *Mar Morto*, 1936

Recordando Jorge Amado

Jorge Amado, um homem que o Brasil inteiro reverencia. Uma longa trajetória pontuada de lutas, de vitórias, de derrotas – poucas felizmente, e que ele sempre soube, com sabedoria, transformar em vitórias. Sua mãe, D. Lalú contava que ele nascera empelicado. Verdade verdadeira. Só este fenômeno de eficácia comprovada, poderia explicar o extraordinário êxito, a sorte que parece acompanhá-lo, solícita, todo tempo.

Um homem realizado, segundo um conhecido provérbio, é o que, durante sua vida, escreveu livros, teve filhos, plantou uma árvore. Jorge Amado, um homem feliz: escreveu livros que encantam o público no mundo inteiro. Seus romances multiplicam-se em várias línguas, em edições sucessivas. Adaptados para o cinema, a televisão, o teatro atingem uma multidão de admiradores deslumbrados com as estórias inesquecíveis criadas por sua imaginação. Seus personagens parecem ter vida própria, tão incorporados ao cotidiano dos leitores. Suas figuras femininas compõem uma galeria de tipos verdadeiramente apaixonantes, ampliados em suas características pela cumplicidade do público que alimenta o mito através da assimilação, da recriação, da paródia e da imitação.

Se o homem feliz teve filhos, Jorge Amado foi também plenamente realizado. Seus filhos, Paloma e João Jorge, estão presentes em sua vida o tempo todo prodigalizando afeto, carinho, compreensão e companheirismo. Aliás, no capítulo dos afetos consegue contabilizar haveres preciosos: Zélia, sua musa permanente, foi o centro de seu universo afetivo que compreende ainda os netos, os irmãos, com quem sempre manteve um relacionamento profundamente carinhoso, que se estende aos demais membros da família; sobrinhos, parentes e contraparentes, além dos inumeráveis amigos, irmãos de santo e de eleição, vasta família que se expandiu para além dos limites do Rio Vermelho fazendo de cada canto do mundo um prolongamento de sua própria casa.

Em Salvador, no Rio, em Paris, em Lisboa, as portas estiveram sempre abertas para o casal que bem cedo conheceu, por vocação e por imposição, os caminhos do mundo.

Plantar árvores sempre foi uma das ocupações prediletas de Zélia e Jorge Amado. Em sua casa do Rio Vermelho o clima até hoje é de floresta. Uma bela floresta cercando as varandas aconchegantes de uma residência tão hospitaleira, tão baiana.

Uma casa especial, grandiosa em sua simplicidade, monumental em sua inteireza, nas marcas acumuladas pelos anos, no repositório de lembranças, na permanente presença da arte e da sensibilidade que se traduz nos detalhes, nos azulejos, nas grades, nos quadros, nas coleções de cerâmicas vindas de todas as partes do mundo.

A pequena floresta do Rio Vermelho povoada de Exus, com seus encantados, seu banco de azulejos onde o casal, costuma sentar de mãos dadas à sombra das

árvores que plantaram e de quem cuidam com carinho como se fossem – e são mesmo! – sagradas.

Dizem também que as pessoas felizes não tem estória. Neste caso felicidade e estória se confundem. Porque a felicidade, como a arte, se constrói com paciência e Jorge Amado, escritor, internacionalmente conhecido, reverenciado pelos grandes da terra, colecionador de honrarias, de prêmios, de homenagens, plantou sua felicidade no trabalho com que se dedicou, 24 horas por dia, a escrever seus livros, a amar sua família, a plantar suas árvores.

Myriam Fraga

Escritora e diretora executiva
da Fundação Casa de Jorge Amado

Por que Jorge Amado?

Nos últimos tempos tem-se difundido, de forma crescente, uma atitude de descaso pela obra de Jorge Amado, apontado como um escritor comercial, que explorava em seus livros aspectos pitorescos e apimentados da cultura baiana, para agradar e cativar um público pouco exigente. Como todo clichê literário, este traz, para aqueles que o adotam, a vantagem cômoda de dispensar a leitura dos textos: é o velho «não li e não gostei»...

Neste ano, em que nos aproximamos do centenário de nascimento do grande romancista (1912-2001), impõe-se a revisão deste estereótipo, que priva muitos leitores (sobretudo os jovens, que não acompanharam a carreira do escritor) de conhecer um dos conjuntos ficcionais mais ricos de nossa literatura.

Tendo estreado na ficção com *O País do Carnaval*, em 1931, aos dezenove anos de idade, e produzido intensamente, por mais de 60 anos, até 1994, quando sai seu último livro (a novela *A Descoberta da América pelos Turcos*), Jorge Amado apresenta um acervo ficcional excepcionalmente rico e multifacetado. Dada a amplitude do conjunto, é natural que nele haja desníveis qualitativos, mas em seus grandes momentos a obra amadiana atinge patamares poucas vezes alcançados em nossa ficção. Obras como *Mar Morto* (1936), *Terras do Sem Fim* (1943), *Gabriela Cravo e Canela* (1958), *Os Velhos Marinheiros* (1961), *Tenda dos Milagres* (1969) – para citar apenas alguns títulos mais notáveis – integram o repertório seletivo do que melhor produziu a literatura brasileira no campo da narrativa.

O fascínio que a ficção amadiana exerce em seus leitores se deve tanto à mestria do narrador, como à problemática humana que suscita.

No plano narrativo o que avulta é a extraordinária capacidade de fabulação, que tornou possível ao escritor a criação de um universo variado e consistente, que envolve o leitor, conferindo vida a uma extensa galeria de personagens, dos heróis românticos dos primeiros romances, às figuras provocadoras e questionadoras da

ficção tardia, como Gabriela, Vadinho, Quincas Berro d'Água, e tantos outros... Sob este aspecto a criação amadiana só encontra paralelo em nossas letras na de José de Alencar. Aliás, o mestre baiano não desconhecia sua afinidade com o romancista cearense, e em seu discurso de posse na ABL (1962) afirmou com orgulho: «Quanto a mim sou um rebento baiano da família de Alencar.»

No plano temático, o fato de o escritor ter sido uma figura politicamente engajada, vinculado durante parte de sua vida ao PCB (até 1956), fez com que sua obra fosse lida de uma forma reducionista, como libelos ditados pela ideologia comunista. Sem querer negar que, em alguns momentos, certa intenção ideológica possa intervir na narrativa, a leitura atenta do conjunto da obra amadiana revela, ao contrário, que o valor supremo que se encontra em sua base não é ditado por injunções partidárias, mas constitui, ao contrário, uma afirmação eloquente da liberdade do indivíduo em face de uma sociedade concebida como hipócrita e opressora. Tal postura torna-se mais evidente na segunda fase da obra, após a desvinculação do escritor do PCB, e encontra em Gabriela (1958) e Quincas (1959) seus exemplos mais acabados, mas esteve sempre presente em sua criação: o negro Antônio Balduino, de *Jubiabá* (1935), já encarna, de forma exemplar, a luta do herói amadiano para afirmar sua liberdade contra os mecanismos castradores da sociedade burguesa. Não se trata aqui de uma luta política, mas de afirmação existencial.

Outro aspecto, quase nunca abordado pela crítica, e que coloca a criação do nosso autor em posição ímpar entre os ficcionistas do século XX, é o fato de ela encarnar uma visão positiva e afirmativa da vida. No universo amadiano a alegria de viver torna-se um valor sempre perseguido e reafirmado pelos heróis. No panorama do moderno romance brasileiro (e universal...), dominado por uma concepção negativa ou francamente pessimista da existência (de que Graciliano é, entre nós, o exemplo mais eloquente), este vem a ser um traço inusitado que, certamente, contribui para seduzir os leitores. É interessante observar como tal faceta aproxima a ficção amadiana da de Guimarães Rosa, autor que, sob vários aspectos, trilha por veredas bem distintas das do mestre baiano. Contudo em ambos ressalta a afirmação da alegria como valor essencial da existência humana (sem que tal implique ignorar os aspectos trágicos da vida; ao contrário, são estes aspectos que conferem um sentido capital à luta pela conquista da alegria). As bases sobre as quais se fundam as concepções filosóficas dos dois escritores são, sem sombra de dúvida, muito diversas: a alegria tem, em Jorge Amado, uma dimensão instintiva, libertária, com forte coloração erótica, menos evidente em Guimarães Rosa (conquanto também neste a alegria possa aparecer intimamente correlacionada ao poder de Eros: vide «Buriti»). Todavia, para além das diversidades, permanece um elemento comum: a afirmação apaixonada da vida, a despeito de todas as contradições e conflitos que ela encerra.

Um último aspecto que gostaríamos de ressaltar na ficção de Jorge Amado – este sim, ideológico, no mais alto sentido da palavra – diz respeito à concepção essencialmente mestiça da cultura e do povo e brasileiros, que o escritor defende,

implícita ou explicitamente, ao longo de toda a sua trajetória. Nascido e criado na Bahia, estado onde se manifesta de forma mais evidente o sincretismo étnico e cultural de nossa formação, o autor busca afirmá-lo sempre em seus romances, seja no plano temático seja no desenho dos personagens. Um de seus grandes romances, *Tenda dos Milagres* (1969) vai-se articular, todo ele, como uma defesa apaixonada da cultura afro-brasileira, em uma sociedade ainda fortemente marcada pelo preconceito racial. O protagonista, Pedro Archanjo – inspirado livremente na figura de Manuel Quirino, um negro, etnólogo autodidata de raízes populares, que viveu na Salvador de fins do século XIX e início do XX –, torna-se um autêntico porta-voz ficcional das convicções mais caras ao próprio Jorge Amado. Contudo, convém salientar que desde o início da carreira do romancista, no *Jubiabá* de 1935 – cujo título designa o personagem de um pai de santo e que tem um negro como herói da narrativa – a intenção do autor de marcar sua posição diante da realidade cultural brasileira fica já inequívoca. Tal posicionamento, muito mais do que simples aproveitamento folclórico, é que explica a presença frequente de elementos afro-brasileiros na ficção amadiana.

Em obra tão multifacetada como a do escritor baiano, a tentativa de destacar todos os pontos relevantes iria nos levar muito longe, bem além dos limites fixados para este texto. Deixemo-nos, pois, ficar por aqui, convidando os leitores interessados a verificarem por si mesmos a pertinência do que afirmamos. E esta experiência – podemos garantir – irá proporcionar-lhes horas de insuspeitado prazer.

José Maurício Gomes de Almeida

Professor de Literatura Brasileira na Faculdade
de Letras da UFRJ de 1975 a 2008.

A propósito de Jorge Amado

(fragmento)

Jubiabá, esse adorável *Jubiabá*, marca para nós uma transição na obra do autor. Aí já o horizonte se alarga imensamente. Os personagens começam a viver por si. Já não se trata de figurinos (concordamos que figurino é um pouco excessivo) justificando ideias. Aqui há pessoas que vivem. Podemos esquecer Baldo, o negro Antônio Balduíno, procurando o seu «caminho de casa», Santo Jubiabá e o seu «olho da piedade», os suspiros de amor de Maria Clara, sua canção do cais, o morro do «Capa Negra», a bela figura do Gordo na «Lanterna dos Afogados»?

Podemos esquecer a história de Lindalva, a companhia do Grande Circo Internacional, a saudação no cais de Baldo a Hans, o marinheiro? E porque (sic) nos aparece «Jubiabá» num plano tão diferente?

Simplemente por isto: Jorge Amado foi neste livro ao fundo do homem. Todo o romance, feito afinal dum conjunto de romances, feito de vida, é a análise

do homem desnortado, do homem-tipo da nossa época, que procura um rumo, um homem vergado ao peso de milhentos problemas, que procura nortear-se e caminhar, caminhar sempre. E esse homem não é António Balduíno, a figura mais cuidada do livro. Esse homem é António Balduíno, é a velha Luisa, Guiseppe, Luigi, Rosenda, Rosendá, etc.

Porém, é em *Mar Morto* que Jorge Amado marca a sua definitiva conquista do realismo. Romance de pescadores (oh uns pescadores bem diferentes dos de Aquilino Ribeiro ou dos de Alfredo Cortez). Romance de vida do mar. O estilo chegou aqui a um perfeito equilíbrio. Desapareceu por completo a preocupação de «pôr homens a falar como eles falam» e nós ouvimo-los falar, mais do que nunca, não pela boca do escritor, mas pela sua própria boca, pela sua própria cabeça. Não há um termo grosseiro. E trata-se de casas de pescadores, de negócios de contrabando, de cenas de prostíbulos. Jorge Amado chegou à verdadeira noção construtiva da obra de arte. *Mar Morto* não é um panfleto. *Mar Morto* é um romance. *Mar Morto* é vida. Um daqueles livros que nos afastam de tudo que nos cerca para nos fazerem penetrar melhor em tudo que nos cerca. Agora encontramos bastante justa a opinião de Augusto Frederico Schmidt, escrita, supomos sobre «Suor»: «Creio que ainda não encontrei, em romance nosso, tanto poder de criar ambiente.»

Como é defendida a tese da emancipação da mulher sem uma tirada retórica, sem uma frase de vendedor de pasta dentrífica!

Guma, Lívia, D. Dulce, o dr. Rodrigo, o velho Francisco Rufino, Rosa Palmeirão, Mestre Manuel, o «paquete voador»: um mundo. Um mundo que não é o Brasil isoladamente, que é toda a parte. Toda a parte onde houver a luta do homem, onde houver o homem a cada minuto, vencendo-se, conquistando-se. E talvez suponham que se trata dum livro acabrunhante. Nada disso. Pelo contrário. *Mar Morto* tem a condição essencial duma obra de arte: o otimismo, isto é, a consciência da realidade humana e das suas possibilidades. Há quem tenha esta frase depois da sua leitura: «Isto não é um romance, isto é poesia.»

Mário Dionísio

A propósito de Jorge Amado.

In: *O Diabo*. 21-11-1937

(Nota da Revista: Suprimimos os acentos de palavras nas quais não mais os utilizamos)



Foto: Acervo Fundação Casa de Jorge Amado

Jorge Amado – uma obra rica em propostas e significados

A obra de Jorge Amado extrapola a natureza estrita do literário, porque abrange diversos campos do saber, constituindo um caudal de aspectos e propostas, como parte integrante dos grandes debates travados no âmbito da ficção, da política e da cultura no século xx. É importante estudar o seu valor literário e estético, mas também o seu conteúdo etnográfico, sociológico, político, histórico e cultural, como uma obra multifacetada e rica de significados.

Pode-se estudar em Amado o romance de representação e intervenção ideológica, confrontando a cena histórica com a criação romanesca, a fim de captar e esclarecer como o projeto ficcional incorpora os objetivos políticos, como se resolvem ou não os impasses entre o fatural e a invenção romanesca. Outra questão importante é o processo de legitimação da cultura popular. Pode-se verificar como o romancista trabalha as oposições culturais em processo, as transições

étnico-culturais, as pontes entre estratos sociais distintos, avaliando sua visão crítica, irônica, carnavalesca – na legitimação dos costumes, do imaginário e da visão de mundo das camadas populares, na afirmação de um conceito de nacional-popular, contra os preconceitos de classe e a repressão conservadora.

Outro tema agudo é a presença da cultura e imaginário afro-baianos na ficção amadiana, em que se pode analisar como o autor se apropria dos elementos e os consubstanciam enquanto fatores internos da ficção, e como opera a sua valorização social, através da ação e pensamento das personagens.

É forte também em Jorge Amado a representação da cultura sul-baiana, o universo dos coronéis e das lutas de conquista da terra para o cultivo do cacau – em romances que constituem uma verdadeira sociologia literária da região, ricos em registros de linguagem, costumes e imaginários – onde o elemento humano, as paisagens e a cultura confluem para constituir uma civilização do cacau.

Diante de tal riqueza de temas e motivos, cabe, sobretudo, aos pesquisadores baianos, a obrigação de promover e incentivar os estudos amadianos. De fato, somos nós e a nossa cultura híbrida, afro-descendente, com seu imaginário e suas fortes marcas étnicas e sociais, que estamos ali representados. Os diversos sentidos da obra de Jorge Amado revelam o ethos, as identidades e as matrizes ancestrais como elementos fundamentais de nossa experiência no mundo.

Aleilton Fonseca

Escritor e ensaísta, doutor em Letras (USP), professor da UEFS,
Membro do PEN Clube do Brasil, da UBE-SP e da Academia de Letras da Bahia

Bigote y Olor de Cacao

El profesor de Historia en mi último año de secundaria era un hombre mayor, alto y de gran bigote tenía un aire cómicamente académico. Siempre de chaqueta, con su fragante pipa en el bolsillo. Enseñaba el tema mandándonos a leer el texto, para luego dar su clase que consistía en una interminable serie de anécdotas. Mao nadando en el Yangtzé, el compañero de cárcel de Hitler que se tenía que aguantar las peroratas interminables hasta que le sugirió que las escribiera, dando luz al proyecto de Mein Kampf, el pobre editor de un diario soviético que cortó el apellido de Stalin, dividiéndolo entre dos reglones, decisión tipográfica que le costó el pescuezo. Así nos hablaba del Totalitarismo, del Comunismo, de los grandes eventos del siglo xx. Y todo flotaba por la clase en un acento espeso, difícil de identificar. Sabía Ruso, algo de Chino también, pero no tardó en confesar que era brasileño.

Un buen día nos contó cómo llegó a Israel. Eran las semanas dedicadas al Comunismo, y el profesor, con su voz imponente en la que resonaban las «r»s luso-soviéticas, relató algo de su historia personal. Su familia, así nos dijo, eran

capitalistas. Grandes industriales en Brasil, con una empresa de productos agropecuarios. Él estaba destinado a tomar las riendas de la fábrica. El hijo de ricos, que «nació con la cucharita de plata» fue mandado a conocer la realidad de la mano de obra. Su padre, pensando que no hay mejor manera de educar a un futuro dueño, gerente y señor que hacerlo conocer las realidades de la vida, lo mandó a trabajar a puro sudor y músculo. El experimento empresarial tuvo éxito. El joven de 18 años aprendió mucho: tomó consciencia de la realidad obrera, de la injusticia social, de la vida de proletariado, de la lucha de clases como única manera de crear una sociedad justa. El muchacho no tardó en hacerse comunista clandestino. Eran los últimos años del régimen de Getulio Vargas y el Estado Novo brasileño. No obstante, el joven de buena familia, el futuro industrialista organizó una huelga general en la fábrica de su familia. No podía soportar el sufrimiento y la miseria desesperanzada de los obreros. Nos contó que alcanzó a dar un gran discurso inflamatorio, romántico, marxista. En pocos días la familia lo había mandado fuera de Brasil. Eventualmente, el joven idealista llegó a Israel donde hizo su vida como profesor de historia.

Unos meses después de terminar la escuela secundaria, en 1981, leí una novela de un autor brasileño que no conocía. *Cacau* de Jorge Amado. Fue mi introducción a la obra del gran autor de Bahía, cuya obra había de seguir descubriendo hasta que en 2009 tuve la suerte de traducir al Hebreo su ingeniosa sátira de los académicos durante el *Estado Novo*, *Farda Fardao*. No obstante, Jorge Amado para mí siempre será el de *Cacau*. Al leer la novela sentí que el cuento me era conocido, que lo había oído, aunque en otra versión. Busqué una foto de Amado, y lo primero que me saltó a la vista fue el bigote. Ahí fue que me acordé que entre Stalin, Hitler y las picardías de JFK, el ex marxista brasileño contó una anécdota de su vida, quizás verídica, quizás inventada, pero en todos modos impregnada del fuerte olor del cacao brasileño.

Ioram Melcer

Escritor israelense e tradutor de Jorge Amado,
e de outros autores, para o hebraico.